

Confissões

Maria Angélica Taveira
Maria da Conceição Tribugi Jones

Fevereiro de 1931

Dr. Tribugi Pinheiro Jones

Filha do Sr. de Gaiá
Sardão

A bits está cansada
de pedir uma entrega
nunca cêbre os seus braços:
mas a hora não chega...

O momento tem pena
do meu morrer-me não!
Mas nem sequer importa
que o cansado me quele...

Que de ternura verte
o teu olhar no meu!
Que de ^{devoção} ~~anjo~~ de monte
de não me perdes céu!...

Coimbra.
2.5.48

Comprovações:

Um dia de Inverno passado na
Aldéia

Uma manhã de Dezembro, em que os raios solares
batiam quasi a meio nos vidros das janelas do meu
quarto, sentei-me na cama, esfreguei os olhos, re-
luzei um pouco por sentir frio, mas por fim levantei-
me. Vesti-me, alucei e passado um instante
o relógio batia as nove horas.

A manhã estava frigida mas encantadora.

Vesti um casaco e saí ao ar livre.

Com a ajuda de uma bengaleira, subi numa in-
greme encosta. Quando cheguei ao ponto mais alto
do monte, sentei-me sobre um livro e estive
mais de meia hora a ler. Depois levantei-me e
pus-me a admirar a lindíssima ^{paisagem} que se desen-
rolava deante dos meus olhos.

No alto de um cume próximo assistava-se a uma
capelinha, e em baixo dezenas de casas modestas, mas
diversas quasi todas encostas de costas ou de jar-

dius, indicavam que os seus movimentos eram naturalmente pessoas que se entregavam sobretudo ao cultivo dos campos.

Mas, hi! - Os arvores de folha caduca, inteiramente nus equiam para o firmamento os troncos esguios como braços suplicantes, dando à paisagem um aspecto melancólico e desolado!

Estive um pedazo contemplando este quadro ao mesmo tempo bello e triste, e porque senti momentaneamente como que a vida trisbeja de um tal espectáculo encombria ao de Deus a alguma infantil da minha alma, desvii a vista, saudi a cabeça, num gesto de quem repele um pensamento sombrio e consultei o relógio.

Olhem dez e meia. Deitei a esse gesto a devida ingenuidade do cabeça, e com o pensamento já inteiramente descurado de ideias tristes, em dois minutos estava em baixo causa divina.

Até saíam que pedras muros negras tinham do dar o qual do firmamento cobrindo o astro-sei como um negro manto esparrado, aqui e além... Hum abris e fechar de olhos uma lágrima de água deixou-me a pingar.

Neste lamentável estado cheguei a casa, onde todos ficaram aflitos ao ver-me assim molhada. Jurei de fato e aliviei-me o temporal ainda não tinha cessado.

O vento batia impetuosamente nas janelas, ao mesmo tempo que grandes pedras de granito caíam e se desfeziam simultaneamente na terra completamente encharcada.

Passados momentos um relâmpago - rebolando - parecia de um enorme trovão - iluminando o espaço iluminou fútilmente o aspecto rude em que encontrara. Sem medo algum, porque os gemidos da natureza irritada sempre me encantaram agradavelmente, dirigi-me para a janela abatei o nariz nos vidros como um bebê ignorante que desconhece e se ri do perigo iminente, e por largo tempo me concentrei observando os fulgurantes zig-zags produzidos pelas faíscas na atmosfera. "Alto céu está irritado e agora está encrena e soldada!... O assim terminou aquele dia que está ridículo e cheio de encantos fúteis e comédicos.

23-1-931

Gracia Augusta Tereza

Composições

Se eu fosse rapaz...

Se eu fosse rapaz, oh que ventura. muitas coisas não poderia fazer, sem que isso fosse notado como faltas de educação grosseiras etc. deixaria mil coisas, que aborrecem um caráter dividido e tido!

Ninguém imagina as ideias que me vêm ao espírito sem que eu as possa realizar. Ah! Se eu fosse rapaz...

Se eu fosse rapaz faria os jogos mais divertidos que imaginava - se pôde, saltaria como um gato, mas um gato ágil por isso saltaria leucopistos, por essas impressões montanhas. Chegada a hora de trabalhar a minha carreira ou antes de ir, sabiam qual escolheria?

Maniueiros ou asiadas

Se fosse maniueiro ia defender a Pátria, esta Pátria perdida, onde nasci eu e minha família.

El se fosse asiado?!

Subia pelo espaço até ao ponto mais alto
fazia mil experiências, mil observações!!

Mas nada d'isto se pôde realizar. Sou
uma rapariga; e hei-de passar a minha
vida, aferrada a uma agulha e essec, ou
a um livro e ler; e os meus projectos?!

Reduzem-se a simples sonhos que jámais
se poderão realizar.

No entanto é preciso me hei-de ver outros
homens fazer o que eu tanto, tanto
aspirava

18-1-931

Maria Angelica Bastina

— Uma brincadeira na aula —

Triste estava, pensando em ti somente
O meu coração deslizia a ruína mente
E eu, num impulso de dor e de gênio
Borrifei a todos com o gênio.

Mas depressa mudei
E por longo tempo o silêncio conservei
Mas do céu a São Capela
Fiquei com Clípeo

Estando assim meia noite
Vi passar uma toupeira
Aparei-me então a ele e...
Clípeo - a

Com do' do pobre animal
Fue nada me fez de mal
Fiquei-me, chabei, mas
Temporeio - o com sal

M. Angélica Taveira
redat., 11/10/1931

— Baulhos Bochechos —

Deus meu, Santo sempre sem duvida
Sempre esta unida, este bocio
Mas fute louca, eum doctissimo pascada
Dubia Dubia este unida:

- Meia Noite d'uns loca -
E eu queita e pálida fiquei
mas fo subit as lorge um del baulho
De um pare bium pensei

Um doctissimo lat grande
Com este do baulho
Um baulho assim baulho
Si se fo um fucado?

— Maria Angélica Taveira
Sada - 11/11/931

"Amiguinhas e pouco Conilonas"
~~Amiguinhas~~ ~~Conilonas~~
Fugidas e Ficau

Ficauis admiradas

Com o que lhes vou dizer!
Mas esta certa, certissima
que sois do meu parecer!

Há por cá varias meninas
Com o cocar de Lamea...
Vai p' ra qui, vai p' ra colá
O nunca leu uma canção!

! Toda outro dia alguém disse:
já não gosto de "Hilana..."
Deleto-d, deleto-dhe saia,
já gosto mais de "Cicaua..."

Mas d' aqui a oit dias
já não gosto de "Hilana..."

Dudas, talvez mais ingênuas!
Fazem por entraguecer!
Tomam o chá sem açúcar
E deixam entos de comer...

Mas passados alguns dias
A fome começa a apertar,
Então temos as enchimas
quasi todas a chorar!

Estou doente diz uma,
Tem o Dr. Magalhães,
E receita-lhe uma puzga
E por cima doce pato!

Deixem-se pois d'amizades...
E também das elegancias!
Comam unido, unido, unido,
Eu lhes peço com instancia!

Sardão - 6/xii/931

Marie Angelica Sarcia

— A quinta do Sardo —

I:

As árvores crescem muito
Ao Colégio do Sardo,
Pois a nós é proibido
Tocar-lhes lá e' a mãe.

As folhas nascem aos centos
A ninguém as quer arrancar
Só faltam as que no chão caem
Das que o vento quer levar.

As rosas são as mais belas.
Que poderis encontrar.
Exauri-mo-las - heis todas
Mas não poderis lá tocar.

A avenida das Pousalícias
É um famoso jardim!
Coberto de belos arvoredos,
De rosas e de jasmim.

A mata do curso Polígono
Não pode encontrar rival
O farrada de umi Chapros
Estendendo - se como bar.

As galinhas criam tanto
São bem e de ^{tantas} ~~diversas~~ maneiras
que o homem gostaria
de as ter por companheiras

Os galos são as suas crias
Por vezes são bem melancólicos,
fazem-me lembrar as brancas
da Dona Branciquinhas.

O animal mais estúpido
de de facto o peru
que se para se tornar interessante
está sempre a dizer qui qui

As pombas são a sandueia
de o socego do seu lar

Habitam tranqüilamente
Ao segundo ou quarto andar.

Os olhos comem tanto
que é uma coisa fantástica,
mas não se lembraram ainda
de se meterem na máquina

Toda esta quinta é guardada
Por um grande e lindo cão
que habita num palácio
lá baixo no reg. do chão.

Dado isto, pois concorre,
Para embellejar a quinta
Fichei cá e lá os folhos
Ao que o estêgio requirida.

Sardão - 12/XII/931

Mario Quinto

folha 2

Que horror os exames!...

I

Ando triste e abatida
Lento grande timidez,
Devido ao próximo exame
Que tenho de Português

II

Dizem que ando aritmética
E não é pra admirar
É a aborrecida gramática
Que me faz assim pensar

III

Há um tempo para cá
Todos me dizem: que mística!...
Mas não sabem que assim estou
Por aprender a Estelística

IV

De tanto tanto pensar
Na terrível Matemática
Estive quase a desmaiar
E chamaram-me dramática

V
O sono trago perdido
O choro com amargura
Por pensar que hei-de fazer
Exame de Literatura

VI
Ando pálida e sem cor
Trago cansada a memória
É de tanto me aplicar
Ao estudo de História

VII
Dizem que com um ano
Dentro grande analogia
É do esforço que gasto
Pra aprender a Geologia

VIII
Muito me têm censurado
Por ter ar de filosofia
Adquiri-o à força de estudar
A monstruosa Geografia

IX
Foi um dia me disseram:
Fobrezinha ficas física
E penses em estudar
As leis que regem a física

X
Quereis saber um segredo
Que sempre guardei pra mim
Quando triste e aborrecida
Por estudar o Latim

----- B.
Apresentação - Origem e fins deste jornal

I
Quereis saber a origem
Do nascer deste jornal,
Que a pesar de pequeno
Não está feito muito mal?

II
Nasceu da iniciativa
De quem é sempre o mesmo...
já deveis admirar...
É a nossa querida S. M.

III
Nós... pouco ou nada fazemos,
Instrumentos secundários,
Simplesmente desejamos
Espalhar gostos literários

IV
Venho já de Teraminar,
Pois este vai a partir
Mas ficarei muito contente
Se illa vos divertir

..... B.

Maria Teracia da Cruz Veiga

Redação, 12/XII/931

~ O Hecla ~

I

Tem fria e dura como o gelo
Habito as regiões polares
E quase todos incute medo
Quando gelada estou nos ares

II

O meu pseudônimo é "Hecla"
Quem ao gelo tem toda a razão
Como ele está situado
Fôbre o gelo meu coração

III

Na Islândia está situado
Este vulcão tão original
Comigo tem grande analogia
Lá difere, eu não fazel mal

IV

Temho às vezes erupções
Quasi sempre prejudiciais
Quando elas expellm lavas
Começa toda a gente aos ais

V
já esteve mais em actividade
Está agora quasi extinto

A tempestade seguiu bonanca
O pobre vulcão ficou faminto

VI
Le vos queimeis pelo mil perdões
Creio que nunca disse a ninguém
Intenções não tive de queimar
Quando a explosão feriu alguém

H.
H. João Pauppos

~ O dia da partida para férias ~

I
Aproximam-se as férias
Cabeças todas no ar
As 'alunas do Sardoas
Cessam logo de chorar

II
Com as análinhas na mão
Fogem para suas casas
Julga-se que vão fugidas
Mas pés parecem ter asas

III
Com o seu chapéu na nuca
Fois é a moda d' agora
Andam todas pressurosas
Esperando a feliz hora

IV
As buzinas já se ouvem
Dos automóveis galantes
As "Sardaniscas" contentes
Viviam nos galpitanes

V
Ades, meu Sardoão querido,
Dizem elas a cantar
Ades, dias bem passados
Que não posso olvidar

VI

Tôdas perliquitetas
vão para casa gozar
e das custosas pedigas
o meu corpo ^{saí} repousa.

VII

Se eu quizesse descrever
este dia da partida
Diria bem que vos dizer
foi e' muito divertida.

VIII

Mas o tempo já fugiu
a musa está esgotada
poucas vos-licuistas coizas
Quando estiver inspirada
H.

Men boam conselho

I

Sou a aluna mais antiga
Do Colégio do Sardoal
Grande amizade já tem
por ele meu coração,

II
Com Abril faz nove anos
Que estou aqui guardada
Qual freirinha inocente
Na sua cela encerrada

III
Gosto muito de cá estar
É um "ameno Paraíso"
Onde se aprende a formar
As cabeças sem juízo

IV
Sóis boas alunas todas
Possuís bom coração?
Ó... então não esqueçais
O Colégio do Sardoão

V
Por quem tanto se sacrifica
Pela vossa farmácia
Mostrai-vos reconhecidas
Com um pouco de gratidão

H.

~ A moda feminina ~

I
É da moda feminina
Que eu quero agora falar
Parecem umas bohecas
Quando andam a dançar

II
Depois dizem que são fracas
E médicos mandam chamar
Desconhecendo o motivo
Que as fez entusiar

III
As unhas parecem fogo
Quasi estão em explosão
Com a tinta e o brilho
Que as "Madames" e elas dão

IV
Com um tacão muito esquiso
Andam quasi a cair
Já com calos nos dedos
Os outros põem - e a rir

V
Os vestidos são modestos
Por vezes exagerados
Quasi arrastam no chão
Parecem gatos pingados

VI
Com as faces encarnadas
Duro pra admirá-las
Se um a pele vermelha as disse
Tricaria a invejá-las

VII
Os chapéus têm quatro bicos
De penas são adornados
Para não caírem da nuca
Impregam mil cuidados

VIII
Andam estas cabeceiras
Has ruas a passear
Julgam que todos as vê-las
Vão pra admirar.

H.

~~~~~

== Progressos do Séc... XX... ==

I  
Os inventos d'hoje em dia  
Tostão muito adiantadas  
Há máquinas pra emmagrecer  
Onde as gordas são deitadas

II  
Se tem pernas a redanetas  
Há as que se amassar  
A cinta fôrta - na fina  
Com o "muito apertar

III  
Os menus especiais  
Não as deixam engordar  
Sendo felleiro não comem  
Istão quasi a entisicar

IV  
Andam nas ruas do Porto  
baixos a passear  
Todos se riem do vê-las  
E sabem-as criticar

" V "

As passarem nas vitrines  
Quebram-se silenciosas  
Admirando com gosto  
Estas montras barbaçosas

" VI "

Não vos deixeis seduzir  
Por esta moda infernal  
Poris a modestia é bonita  
Jamais a alguém fez mal

" VII "

A cabeceira mundana  
Por todos é odiada  
Por a mulher que é decente  
De todos é estimada

H.

.....

Pardão, 13-XII-931

H. João Campos

"Je sais tout"

Na classe das noças grandes  
Há mil coisas que contar,  
El por isso o "Je sais tout"  
Vai até aos vinte e sete.

(9) Ninguém dá a quinze anos  
Apreta que sou cantar,  
Porque cada uma crava  
Estando só bem a falar!

(13) Maria José não chora  
Tanto lá noite na cozinha,  
Porque os seus ais são sempre  
Ocultados, com perinha!

(14) El estudiosa sem rival  
El a Isabel Maria,  
Luzis libros nunca fecha  
Sem de noite sem de dia!

(16) É nossa querida Anice  
é fácil subrijar  
Mas sem sempre o coração não fica  
Bem quem lhe diz de cantar!

(19) Ganinho não de assuntos  
De ser a parte chamada  
Lera quem lata bem discussa  
Dizer o que sente é usado...

(22) Anjinho da nostra classe  
É a boa querida tar  
Quem nos leva a lidas e os  
Rosnie seu casaco!

(30) Conceição, sem paciência  
Com a gola do teu bibe!  
Fembra! de que há boa gente  
Que sob blende e subri bibe...

(31) Beide - se deves as locis  
Medusa Maria foje

Sabe! quem com ferros mata  
Com eles mortos sempre é!

34) <sup>x</sup>  
Da Sena o amor próprio,  
Requinta no seu trajar!  
Mas, cuidado! é pouco esperto,  
Nunca se sabe ocultar!!

35) <sup>xi</sup>  
A querida Graça  
Faz obrigados sem fim  
Por todo o seu bom trabalho  
Com as bichinhas sem fim.

42) <sup>xii</sup>  
Pavulose como a Alice  
É bem difícil achar  
Tão qualque sacrifício  
Tronta a danos de outros.

44) <sup>xiii</sup>  
Mari' Helena encontra sempre  
No estudo grandes delícias!  
O melhor é a Matemática  
Que lhe faz muitas excelsas...

44) Se vos escribes des liches  
Ede bee a lichesas vie.  
El bereis em pouco tempo  
Toda a licheya fugie.

xiv

51) Subidamente a subaca  
So' pide pedis perdos.  
De las mentiras becos  
As desoras M. foot.

xv

55) Hat se gangues o' Mivil  
quando se jebans Milar.  
As pedis - se uma flancha  
Hat me diga subaca tod.

xvi

60) Virginia, foot - e' aprende  
O fregos ou o lesibais  
P'he nos indigas a fides  
Da meya do Refeitorii!

xvii

63) A li Lambert o' Suacia  
A sobre principiaide.

pede perdo desta sima  
Que hoje são mal saute -

XVIII

64)

que dige a Fernanda  
Que soude do seu olheo!!  
Minha duca e seu roufento  
de Lucray de a caude!

XIX

68)

A nossa Mariquinhas  
foi muito de se ver,  
O piar e a suadey  
que tudo faz repetir!

XX

69)

Maria José deira a tua  
Olha um pouco os vestidos  
Cuda-bos os macebilhas  
De seus belos ideais.

XXI

75)

É a Maria de Ponedes  
A distinta Matemática  
que possuiu nosso colégio  
Nesta época simpática

86) Não imitas anormais  
Só a Maria José,  
Fazendo nos reis a fidalga  
Nos seus dias de exílio.

84 <sup>XXII</sup>  
A rose queida, boémia  
Faz sem aspinhos de si  
Quando a Maria José se enuncia  
Para a fazer divertir!

80) <sup>XXIII</sup>  
A queida boémia  
Faz sem aspinhos de si  
Quando a Maria José se enuncia  
Para a fazer divertir!

83) <sup>XXIV</sup>  
Se alguém pergunta o porquê  
Dos olhos e face inchada  
Esta menina responde  
Não chorei! estou constipada!...

86) <sup>XXV</sup>  
Da favela a sua voz  
É de um quasi ignorado,

É quando a nós se dirige  
faz-se sempre bem cuidado!

99) <sup>xxvi</sup> D. Brucina Continua

Isa missas caridosas  
De afetares a cama  
Duma este preguiçosa!

102) <sup>xxvii</sup> Há p'ra Maria José  
Certos dias de afetares  
É quando se dão as tolas  
que causam afetares...

105) <sup>xxviii</sup> Tu, Pastinha Meiselles  
Ho seu andar desmiudado,  
Há contemplos tanto a seira  
Ho mais talto seu cuidado!

116) <sup>xxix</sup> A noiva Conceição Gomes  
'stá sempre a falar,  
gozando bacia do ofício  
Ho seu andar de se des...

111) Os cabelos da Rajula  
Da vontade e apegar  
As ondas set das mancinhas  
Lá tá p'isso manjagar

A dos fôdas em conagra  
D'um primeiro bôbre  
Dyali encobrirei  
Melhor que este cantre!

Sat estes os deuses simples  
Profados dum cocarã  
Que nunca cantou nunca!  
El a vôs conagra ajeica

*[Large decorative flourish]*

Sacolas, 21/xi/93

Maria Irene Costa e Cruz

~ Uma cidade no Jardim ~

I

Na cidade do Jardim  
Há tanto para dizer  
que não me posso cobrir  
de finalmente o fazer

II<sup>o</sup>

A cidade é bem cercada  
de muros e fortalezas  
que dentro de si encerram  
maravilhas e belezas

III

Logo às portas da cidade  
Versailles encerra o rival  
que a Rotunda e bence  
com seu jardim sem igual

IV

O santuário também  
nos fez logo a abençoar  
Dude bom desobafar  
levar do meu coração

V  
É o governo civil  
Edifício municipal  
Deve se resolver leis  
do bem publico em geral.

VI  
Policia de informacoes  
Não há' inst' na cidade  
O que cause aos habitantes  
Inconveniencia tranquillidade

VII  
Os correios e telegrafos  
Tem sua sede lá  
Deve passar toda a carta  
que vai ou vem para lá.

VIII  
Lá no alto do pedestal  
Hous hotéis e hospedarias  
Com comodidades  
Como os confortaveis

IX  
Restaurantes tambem os há'  
Lá p' se baixo nas bordas

Onde são recebidas sempre  
As melhores iguarias

X  
Receitas, suas regras  
Há-as em grande abundância  
Onde s'admira sempre  
As vitrines d' elegância

XI  
Galerias de Paris  
De vestidos e chapéus  
Há diversas no Sarcas  
Com grandes montes sem véus

XII  
Há grandes sapatarias  
Com recente novidade  
Que atcai as aberturas  
Da alta sociedade

XIII  
Há ainda na cidade  
Pequenos jardins e matas  
Onde possuem à tarde  
Todos os aristocratas

XIV

Por grande necessidade  
criou-se a escola humanista  
Dáde boas turmas alunas  
que se chamam diária

XV

Há o curso dos liceus  
até ao sétimo ano  
seguido com grande êxito  
de todos os primeiros anos

XVI

Está dividido em turmas  
O geral cursos das Ciências  
que as boas alunas  
que se chamam inteligências

XVII

Cursos d'Alta Matemática  
Tódos pretendem tirar  
diploma sabendo uma só coisa  
de alguém se matricularem

XVIII

A Academia Literária  
trabalha em perfeição

Onde estão os grandes cursos  
da prosa e da inspiração

XIX

É afeição ainda  
Cursos de Teologia  
Que que todos se distinguem  
Com grande sabedoria

XX

O vasto conhecimento  
É de muitos frequentado  
Mas fica a grande distância  
E deusa seu estudo

XXI

Na escola das Belas Artes  
Miguel Angelo e Rafael  
Encontam grandes ritos  
Da paleta e do pincel

XXII

Hoje também amamos  
Médicos, doutores enfim  
Que fazem o diagnóstico  
Das suas doenças sem fim

XXIII

No hospital fabricação  
Clube o bom simpatia  
Cuja especialidade  
É doenças de coração

XXIV

Para a suadega o doutor  
Chegou há dias também  
Para assim poder curar  
Os subidos de alguém "

XXV

Para reuniões estórias  
Chegou bom especialista  
Que sabe sanctificas curas  
Que nem o melhor dentista

XXVI

O médico do silêncio  
Está quasi a chegar  
Para não fazer tratamento  
De quem mais necessita

XXVII

Seus médicos a grande glória  
Tá enfim resplandecer

XI  
Fois seu eficas remedio  
P'ra fazer esquecer

XXVIII

Duquem à tarde chegou  
O Dr. Macgienne  
Que pratica lições sem dar  
A nenhuma sobre higiene

XXIX

Esperam-me mil instâncias  
Para bem vos informar  
Dos inúmeros professores  
Que se querem colocar

XXX

Há gramáticas distintas  
Entre as três quintessências  
Que sabem os conjunções  
Fadas de lá, quais artistas!...

XXXI

No latim as gramáticas  
São esúrias sem igual  
Sem o seu gosto ouso-las sempre  
Declinar, "sal, salis, sal"...

XXXII

Sabem as Socieciastas,  
Da óptica e electricidade,  
Tôdas as fórmulas sabidas  
Da illustre sociedade

XXXIII

Professores de litteras  
Vos bêm perdidos a vitória  
Vos muitas regundecidas  
Fô' estas usurpando gloria

XXXIV

Para bem conhecer a terra  
De o mar mediterraneo  
Consultai sempre os geographos  
Que hâ' os primeiros annos

XXXV

Professores de Mathematica  
Hâ' os centros os sacros  
Reunidos si' um sinuoso  
Sabem tra' escolas

XXXVI

El' fazendo o vosso curso  
Fidels aos sábios mencionados  
Vos seuis os grandes eris  
Da acadia lintejados

21/XI/931

M.<sup>o</sup> Socieci. P. e Cruz

# Vésperas de Carnaval no Sardas

I  
Estavamos no segundo ano  
lôdas, a darinos dicas,  
mas o barulho era tal  
que parecia um furacão!...

II  
A mestra muito aflicta  
bate as palmas p' se dizer:  
"Que significa este barulho?  
que ~~é~~ <sup>as meninas sabem</sup> ~~isto quer dizer~~!"

III  
E eu entao tôda lépida,  
como é o meu usual,  
volto-me p' a mestra e respondo:  
São Vésperas de Carnaval !!

IV  
Ola, dig. me bem gançada,  
E por um braço me agarrou:  
Diz que na triub'anda,  
O Carnaval nunca entrou!

<sup>v</sup>  
Pôs-me <sup>v</sup>ei fora da porta,  
"E eu sei como os ouceiros"  
E mandou-me a Mecha feial  
Oferecer os meus serviços!

<sup>vi</sup>  
Mas, mudei de direção  
E a São Capela pedi,  
Auxílio e proteção  
E no estado em que me vi.

<sup>vii</sup>  
E ela como é muito boa  
Logo s'apiedou de mim,  
Indo-me ajudar e disse:  
Ficas estadinha, sim!

<sup>viii</sup>  
E eu estadinha estive  
'Se a Sr. Martins chegar  
Mas quando ela entrou d'aula  
Foi' stava <sup>viii</sup> tudo a falar

<sup>ix</sup>  
(Ela não sabia p'ro caso  
E sem nada nos dizer  
Bate e' uma regra na  
que me fez estarem)

<sup>x</sup>  
E a Isabel num instante  
Um bilhete passa p'ra mim

que eu achei engracadissimo,  
Elogio a assim:

XI  
" Fésperes de Carnaval  
Dias de dissipação  
Vemmos a Sr. Aristides  
Sempre de regua na mão,"

XII  
E por causa do bilhete  
foi há grande a gargalhada  
po' ela percebeu a partida  
E ficou muito fangada

XIII  
E virando-se p'ra Isabel  
que estava muito corada  
E se diz: - foi da aula para fora,  
Vai se dar - se na escola !!!

Sardar - 3/2/932

Marcos Pinhas

# Exames de Matemática

Vesperas de exames  
Livros na mão  
Certo a estudar  
com grande aplicação

1.º :

(84) Exames de Matemática  
Dias de alteração  
A menina brinca  
Aflita com a expressão

(102) Exames de Matemática  
O que brinca coisa  
A menina José  
Atrapalhada na coisa

(24) Chegaram enfim os exames  
Dias sem alegria  
A menina Cecilia  
Viste como o dia

(50) Mas que coisa tão triste  
-Tantos dias sem sol  
A menina M. Antonia  
bom, uma peixe no anzol

(19) O! que dias tão horrendos  
Dias tristes sem recreio  
A menina M. Lyana  
Até treme com receio

(9) Chegaram enfim os dias  
De estudos com applicação  
A menina Antonieta  
Repara a sua distração

2.º

\* Lyanes de Matematica  
Dias de applicação  
Veremos o 2.º Ano  
Tem grande atrapalhado

(44) A Maria Helena treme  
Nos pés até à cabeça

Quando a L. P. pergunta  
O que é uma potência

(90) Homens de Matemática  
Vias sempre a estudar  
A Maria da Conceição  
Propõe a contemplar

(96)+ Maria de Lourdes é chamada  
A fazer uma expressão  
Mas como é usual  
Esquece o traço de fração

(94)+ Vida alegre e prazenteira  
Vai a levantar os quadros  
Mas o por de tudo é  
Levar 2 ao quadrado

(96)+ Faz favor de vir ao quadro  
A L. P. Patrocínio diz  
É a Laurindinha contente  
Agarra logo no giz

(42)+ Maria Alice Amaro  
Chegou a hora fatal  
Faz favor de me dizer  
O que é o capital

Merina, Alice Amaro  
Faz favor de andar de pressa  
E extraia a raíz quadrada  
Logo. Ai está a expressão

Vamos depressinha  
Tudo isso apagado  
E diga em 100 pesos  
O que é a ao quadrado.

(22)+ Faz favor de ir ao quadro  
O Merina Maria d'Assencio  
Ah! Já vejo que não sabe  
Fazer uma divisão

(22) As exames de Matemática!  
Vensam nos paços  
A Maria Adelaide dig

homo se fez isto? ... que havesse.

(98) Menina Maria Lucrecia  
Veja lá se sabe achar  
A raiz quadrada  
Do numero que lhe vou dar.

Hoje já passou o exame  
da querida Matematica  
depois de me ter deixado  
quasi tística e risuística.

Para ensinar a seguir de três  
barras, principalmente  
espírito o segundo arco  
que a sabe lindamente

+ Maria d'Ascensão Oliveira  
Leandra Junior

11 de Março 1932.

bomso heide estudar!

I

Querida estudos a estelística  
Não sei como heide fazer  
para não ficar doida  
Ou a mensioia pedir

II

Qual das meninas sabe  
fazer este problema  
Parece q. isõ compreende  
A abuna. D. Helena

III

Querida querida História  
há to posso estudar  
Vou pedir a M<sup>ã</sup> Helena  
que me venha ensinar

IV

Do pensar que tenho de fazer  
Exame de Geografia  
baixo do chão ao teto  
com uma neuralgia

V

Quando comecei a estudar  
A história zoologia  
O homem e a aranha  
sem ao menos distinguir

~~VI~~

A. S. D. Botânica

Tem grande gosto de saber  
mas por mais que faça  
não posso compreender.

~~VII~~

Quando acabar de fazer  
exame de catecismo  
expulso todos daqui

Pela lei do ostracismo

Leandro A.

As minhas ocupações  
semanais

No princípio da semana  
estudo com aplicação  
O querido Português  
Para saber a lição

II

Depois vem a D. Patrulha  
Sempre muito despaçada  
Pergunta nos as propriedades  
háise muito estudada

III

Venho depois o francês.

III

O trabalho manual  
nunca por nós esquecido  
Lundi eu faço com empenho  
Um apafador para o chá aquecido

IV

Depois estudo o catecismo  
com muita aplicação  
Para não ser lá fria  
Uma "Madame" sem instrução

L.

Março 1892

~ Do 3º ano ~

É o terceiro ano  
ano alegre e folgazão  
As alunas são chulas  
mas sabem sempre a lição,

I, dia mais discutido  
é o da Literatura  
Livro amado de nós todas  
é que nos leva à loucura.

II  
A nossa tia Rosita  
tem ar de d'aplicação  
Invent'os temas e perguntas  
Quem era Lopes Vieira.

III  
A Loureirão Gomes  
Sempre em ar de discussão  
Ela não é uma pergunta  
Mas sabe qual é a lição.

V  
A Maria Carlota  
tem uma unido insente  
pede a mestra pra contar  
a vida do Gil Vicente

VI  
A noiva querida Zica  
é um az em matematica  
é confunde as proposições  
tem as regras da gramatica

VII  
tem a zoologia as volhas  
anda a Maria João  
é de tanto estudar  
confunde o pé co'a mão

VIII  
A Maria Angelica Cavieira  
tem dias de matematica  
A alhar para o quadro  
fica em posição estática.

24/IV/32

Trançiquinhas

À Isabel Maria

I  
A nossa Isabel Maria  
Exercício faz na cama  
É bastante turbulenta  
Já alcançou esta fama

II  
Sua limpeza demorada  
prolonga-se por altas horas  
Os seus quinchinhos na cama  
Lembram as aves caídas

III  
Mas não é pra admirar  
Pois é o vício da Isabelinha  
Apesar de muito gressa  
Não deixa de ser capinha

IV  
Um caso de bris na me  
Resposta lhe logo a abençoada  
sentada como uma Princesa  
Presente com precauções

mas visto a Sr<sup>ta</sup> Guimarães  
que possui um quidinho  
Pegunta muito garrada  
se perde o quidinho

É veloz como um relâmpago  
Ésta a perfeita criança  
Esconde-se entre linhas  
É doce com segurança  
Helele

24/14/82

Versos às grandes

(10) A nossa querida Isaurinha  
Com uma boa atitude  
Calma pra fazer visitas  
A caixinha da saúde

(11) A Zezinha, ao sair de casa  
Com sempre bem pentada  
Não quer lavar a cabeça  
Pra não ficar desfiada

III

51) Sei dentro hum lá no fundo  
do seu grande coração  
Uma amizade sincera  
cultiva a minha jóia

IV

63) Chegon a vez da Guácin  
mas não tencos que dizer  
de uma pequena tão boa  
e de tão bom parecer.

V

64) A Fernanda tem as médias  
tan alta consideração  
Por razão descrehidas  
As alunas de Lardas

VI

59) A boa Maria Rosa  
há sei que hei de dizer  
eis anda sempre bem alto  
ho firmamento a viver.

VII

96) A pobre de Leandrinha  
há sei anda vai parar

Por causa da Matemática  
que tanto a faz pensar

105) a Paralaxe Minutela  
Na boca a sua razão  
Se por acaso lhe digam  
que não olhe para o chão

— Um aspecto da aula d'estudo —

Na nossa aula d'estudo  
há tudo muito visado

99) Sempre p'ra nós a olhar  
A lit. Capela há a rezar

51) Com grande aplicação  
Estuda a Maria João

105) Mesquita a estudar as lições  
A Carlota dá razão.

90) Admira a Louceirão  
Um Santo que tem no céu.

75) A Lourdes compra o vestido  
que lhe parece comprido.

69) A Trácia pisa no local  
Para lição (lê) sobre os reis.

106) É a gafeira no ar  
A Louceirão está a falar.

44) Com confiança Deus e Vais  
Acuda a Mari' Helena aos ais.

42) A Alice arruma a cozinha  
Com uma grande louceira.

13, 91) Nunca cessam de falar  
As gíças; que belo par!

141 Sarabiceando um papel  
estudando a cross Isabel.

Se eu vou dar um passeio  
Vais já voltar p'ro passeio.

Lopiada no dia 10-7-1992 pela

Isabel Maria Brêda de Melo Baptista.  
No Colégio do Sardoã -  
Vila Nova de Gaya.

Quem esquece este dia tem  
pálidos que passámos como se  
Polónia.

A gentil menina Primavera Rodrigues

Está aqui no Sardoã  
Oh! que grande maravilha  
Uma bruxa que de mimica  
Tem mais que uma ilha

I

Passa às vezes uma hora  
Explicando operações  
Coisas que pouco interessam  
Para as pessoas boas

II

Depois diz amorosamente  
Adem Papa, adem Maria  
Eon fazer a operação  
Adem até amámbã

III

Outras vezes a conversa  
Sobre os telefones sem cair  
Palmas entre das alunas  
E que a estão a ouvir

IV

Fala de medicina  
E de coisas comparadas  
Comprega bonitos seguros  
E de frases disparatadas

Junta a toda a gente  
As suas lentes sem igual  
E diz que é um progresso

Da ciência mundial

Também fala às vezes  
Das solmas mortais  
Duma certa Inaria  
Que já não podia mais

Mas como ela era boa  
E nunca dizia nada  
Sabia sofrer e coitadinha  
Com silêncio e resignada

O seu simples croqui  
Estava mesmo um primor  
Bastava ser sido feito  
Por uma estação em flor

E quando ela começou  
A precisar de usar lentes  
O que grande descomodação  
Para todos os seus parentes

Mulheres são exigente

Quem que lhe hei-de fazer  
Quero Senhor e quem vos faz  
Não temos culpa de assim ser

Se quizerem conhecer  
Essa personagem ideal  
Escutem o que lhes digo  
Que sendo é muito real

Os seus chapéus são modernos  
Como são o seu vestuário  
Mas talvez devido ao tempo  
Só um pode existir

Os seus casacos bem feitos  
Cada qual do seu feitio  
Estão mesmo apropriados  
Para chuva, vento ou frio

Os seus sapatos elegantes  
Têm mais salto do que o costume  
Se fossem de laçãõ alta  
Podiam partir de repente

As ondas do seu cabelo  
Seguem qual aquele  
Formam três saliências  
Como o cabo de Fênice.

Na sua face minúscula  
Sobressai o pequeno nariz  
Ocupando um lugar saliente  
Como era praça o chafariz.

Seus olhos muito juntos  
São bastante despaçados  
E' um gesto vê-los mexer  
Parecem enfileirados.

As maçanetas finas  
Em tudo são delicadas  
E do fio com cuidado  
Estão sempre resguardadas.

Meninas será verdade,  
O que acabo de dizer?  
Observai com atenção

É preciso a saber

A respeito dessa personagem  
Mais coisas queria dizer  
Mas a minha incapacidade  
Priva-me de o fazer

Cardão, 29 de janeiro de 1999

Seaminda Assunde (Cláudia)

5-) Da Glória as outras pedras  
Lalivam o coração  
Fazem na andar sempre  
Em ventisana aflicção

11) A mesma brava Antônia  
Grada lenho que dizer  
Mas há nos grandes algemem

que não podia fazer

13)

14) A Isabel é caracterizada  
Por seus quinhentos sem igual  
Por não ter grandes concorrentes  
Não encontra nenhuma rival

15) Da Izabelinha a endulçação  
É por todos apreciada  
E por ela também  
Com amizade consentida

16) O caráter da Izabelinha  
Prima em bondade  
Por é o anjinho das grandes  
Em corpo e em idade

17) A Amélia anda contente

A vida como lhe deu a mão (14)  
Entrou para Espirante  
Entrou para Geladora também

26) Dabilinha não anda triste  
nem tão pouco aborrecida (24)  
Estas coisas passaram  
lá de outra vida

30) Comença sem paciência  
São momentos de fúria (17)  
Sem sempre será latência  
nem também sempre tabua

34) Da guerra se ama campilho  
Também guerra fazemos (11)  
mas é bastante difícil  
Sem pensamentos adidos

36) Solidade sem cuidado  
Com as suas semessas (12)  
Por isso também pode  
Cansar-se anelias

41) Como a barba para matemática  
É difícil encontrar  
Parece que por esse motivo  
Alé deixam de a estudar

42) A Vera como é vista  
Assim que diz  
Como tenha paciência  
Ela fazem saber

49) A Cristina apesar de pequena  
já tem as suas brincadeiras  
já se pode incorporar  
No número das brinquinhas

51) A Lin não tem coragem  
Para da barra sair  
Mas se vê a m' g'rimaçã  
Deixa logo de dormir

52) A bravia Eduardo Torres  
É bastante engracada  
Principalmente na mesa

Faz-nos rir à gargalhada

63) Da menina Maria Inácia  
anda me aberra a dizer  
Pois sou mais que ninguém  
De dignamente o fazer

65) A Maria Amade  
"lisaliva" é chamada  
mas é bastante esquisita  
O apelido porque é tratada

69) Da Rosinha Lisneiros Faria  
Vou agora falar  
Anda sempre no reino da lua  
Sempre no espaço a voar

82) A Maria Adelaide sem sorte  
Para aos descalços escapar

87) Com a Cecília Leão

Handwritten text at the top of the page, including the words "Pois" and "E difinito".

89)

Handwritten text in the first section, appearing to be a list or notes.

90

Handwritten text in the second section, including the word "abundante".

91

Handwritten text in the third section, including the word "abundante".

92)

Handwritten text in the fourth section, including the word "abundante".

102)

105)

106)

126)

## A aula de estudo

O Sarcão foi modificado  
Desde as férias do Natal  
Apareceu mais uma aula  
Com aspecto de tribunal

Os meus está a mesa da Justiça  
Sempre muito imponente  
Com um sinteiro em cima  
E uma cadeira na frente

Tem cadeiras em toda a volta  
Fódas elas ocupadas  
Por alunas inteligentes  
Estudiosas e aplicadas

Adrás nos galinheiros  
Como alguém lhe tem chamado  
Estão duas alunas  
Que me espiam o seu preado

A frente há também

6 carteiras reservadas  
Talvez p'ra os menores  
que precisam ser vigiados

Há ainda na aula  
Um nível particular  
que é muito apreciado  
mas no qual se não pode tocar

A mesa da mesa ocupa  
o lugar primordial  
como o p'aleo no teatro  
como a banca no tribunal

As 6 carteiras da frente  
As réis são desativadas  
As quois se sentam belas  
Faltas e enfiadas

A assistência é numerosa  
E toda ela dedicada  
Remando não sem que digam  
Senta-se muito calada  
Se reservado (Clandio)

Je sais tout

Ninguém ainda se lembra  
do "je sais tout" d'este ano  
já foi por falta d'assunto  
que não é nada mesmo

(5) Na época o pentecostão  
é devesas primoroso  
Nela encontra o acadêmico  
Um defensor vigoroso.

(11) Espera com ansiedade  
As cartas de sua mãe  
E os seus ir no repositório  
Nos seus dias de férias.

(15) A travessia passa  
momentos de aflição  
Derivada ao seu arrazoado  
e desfeito pela subordinação

(16)

(7)

(19)

23 Autos ano p'ro bolegio  
Pense a Amélia em volta  
de a vida she cover bem  
alig ela p'ra terminar

(24)

(26) Passou a Malidimba  
Por grande transformação  
Cabeça deido à ausência  
de um robre croado.

(30)

(33) A Vermeira bem desce  
Por o cabelo ondulado  
mas a abundância de água.  
A terra, um pinto pelado.

(34)

(36) A. J. - da terra idade  
A. Sociedade munda

sem cutega devido  
aos ares que respirar.

[41] A Larino gosta ás vezes  
de brincar co' as irmãs  
e a Sr. Bato vê com zangue  
a Eduardo fazer de cão

[42]

[49]

[52] A Rita passa incoherencias  
na aula de matematica  
dizendo q' esta materia  
ha de ser sistematica.

(59)

(61) A ben gosta de contar  
histórias no repertório  
sabendo apertar  
O seu vasto repertório

(62) É uma boa companheira  
nas horas de aflição  
pelas felizes saídas  
e espírito d'imitação.

(63) Desempio que a Luíza  
deseja ser vedado  
porque nos parece sempre  
haver um seu braço.

(64) Nas andas de Anade  
ninguém nunca navega  
As andas são muito fundas

há perigo de naufragos.

(67) das Rosetas as distrações  
São às vezes engraçadas  
Principalmente nas aulas  
em que estamos atrapalhados

(82)

(89) O coração de Isabel  
Anda sempre em movimento  
Quem sabe! Talvez devido  
à influência do vento.

(96) As especíes francesas  
São causa de aplicação  
mas o juízo com vertigi  
é o bifecho ou macarão...

(99)

[109]

Em pausa da indolência  
A miguide é chamada  
Teilha do Sol e da Lua  
ou Princesa encantada.

[126].

51)

104

Je sais tout des pinguins

- 1) A menina belitche  
É muito bem comportada  
É p' uma rapinante  
Caminha por seu educado.
- 2) A Cecília é uma pouco sabia  
É mas é mal comportada  
Mas tem um defeito coisigo  
É ser um pouco preguiçosa.
- 3) A Regina esse está  
Além não posso falar  
É muito bem comportada  
Uma menina exemplar.
- 4) A menina Indilcha  
É uma das engracadas  
Mas também entra na conta  
Daquelas embarcadas.
- 12) A menina Maria Vitória

É uma joia afamada  
Sempre foi pelas pequeninas  
De todas muito estimadas

14) A menina Maria Teresita  
É de todas a mais magrinha  
Na classe das pequeninas  
Parece mesmo uma lincha

18) A menina Madalena  
Parece mesmo um menino  
Vai entre os caracul  
Fazendo de Constantin

21) Na classe das pequeninas  
Se querem ver um gigante  
A Helena é só chamada  
Que fica muito radiante

22) De cabelos à francesa  
Helena é um pinguete  
É a menina Maria de Lourdes  
Com seu cara de artista

31) O friso não lhe falta  
nem tão pouco a inteligência  
E começa desde já  
A mostrar sua ciência

42) A menina Maria Lúcia  
é de todas a mais gorda  
E gosta muito de comer  
A sua predilecta acorda

43) A menina Gerinha  
Quando o alham a ver  
Fica muito envergonhada  
E desata logo a fugir.

44)

55)

A tal nome ...

I  
No Colégio do Sardo  
háde há mais interessante,  
que a entrada de este "Nome"  
num aula, triunfante.

II  
Quando transpõe a aula de Esiva  
entra num teste em terceto  
Parece um mestre de valsa  
a ensinar um Minuetto.

III  
Escurra não há rival,  
É em tudo, há esagers.  
Pis aumentas é feito  
e é do tempo de bers.

IV  
É uma linda matrona  
do tempo dos puros romanos.  
Cappuz, lhe tinha, face nesta língua  
sabem? Julgam q. falei de calomelanos.

V  
É linda e muito formosa

de ter. Museu bronzeado  
Se Clayton a conhecendo a carteira  
Pis tem um certo que espanhados.

VI

Ontem dia, apareceu cá  
de chapeu, Novo e é charpe  
mas a salicência, do pucho  
Biana, lhe, completo o charme.

VII

A fitas se desemparavam  
sem as côis da medicina  
faziam lembrar as colegas  
a desem St. Catarina

VIII

A hísta, essa é um fenômeno  
mucho tal mucho em vi  
Sei se pode encontrar três  
Até frases do baty.

IX

Logo que chega a porta  
Real, o seu porte espírito  
E ai aluns co' aluns repetem  
Quinto bon da S. Patricio.

X

Com seguida com apuro,  
P'a carteira se dilige,  
Ainda com muito engio,  
Exercícios mal feitos corrige!...

XI

Depois faz emi certos bairros!...  
E com a lã, coitada!...  
Lofre divina bronquite crônica!  
Mas já dormido adiantada!!!?!!!!!!

XII

Pista do lenço e...  
Disserias kirmannas são  
E inconscientemente dras' pensas  
que pode ser falta de edu. cat!??

XIII

As alunas...! seus semblando,  
Aquêle rirros bis as torçe,  
Lofrem atagres de riso,  
E quando o porte drim dring!

XIV

Mas às vezes não sustentam  
Aquele impeto tão forte



dos termos não se fale  
e' tamanho a trepalhada  
que a madama repetindo as  
fics logo tãde' habada.

xx

Expondo as duas mas a tãdas  
a senhora a discurto  
as so tãdas na comissãe  
as tãdas que a figura serin

8/6/59

A minha querida mana:

I

Viudas sem só crãas!  
Viudas sem só prãas!  
Segun a minha dedicacãe!  
As parabeas do meu du!

II

São 16 mas e' mais ou menos?  
Ara, estãe prãas recordade  
que faz hoje um ano, a tãdinha  
que estães tã, tãde' habada.

III

Perguntar-me eis, e' natural

Desta feita qual a razão!  
Lyda é do fisical!  
Mas é bem do coração!

IV

É pode ser que este dia  
Lyda deise a desejar!  
Pois a tarde vai ser brisa  
É falta muito pra caher.

V

Podem crer Maria do Carmo  
Que não é ano que há de vir?!  
E todos que estovermos  
Muito nos havemos de vir.

VI

Se tu sabes o carimbo  
Quanto de ti eu gosto  
A pensar de o pensamento  
Penas vezes te deporto.

VII

Que este dia deise saudades  
É uma profunda memória  
São os olhos de Imáquina  
Que é quem do coração.

Vi Rita

"A: habilita coracat!"

A droite e' creusa e' lenda deo: ...  
Assim e' p'cora coracat,  
quando a d'ora d'oboiada,  
E as magnas sat a pairat! ...

Por vezes ela e' severa ...  
Assim e' p'cora coracat,  
quando a alegria a asendem,  
E d'ora d'ora a aplica! ...

às vezes ela e' bem brisa!  
Ah! e' erada, d'essa altura,  
que o d'ora d'ora d'ora resiste  
E despede-se de amargura! ?!?!?!?!?

hessas d'oras de grande d'ora,  
quanta vez ela e' gelida ...  
E quando e' coracat d'ora e' lenda,  
E a alma e' d'ora d'ora! ?!?!?!?

Da direita e' d'ora coracat,

"Laiidades!" "Laiidades!"

I  
Laiidades quem as libes,  
Unidas vezes das choras!  
Em sua chorar as laiidades,  
Mas sim, quem as leiões.

II  
Se eu não souber o que eu,  
Esta palavra laiidade,  
Ai! Conceda tua sim, no  
Para si esta amizade!

III  
Esta palavra vai dar, não  
que se Portugal a diz,  
Se a conhecida tua e dita,  
Em nobressem os seus pais!

Bar MPT Luzes, 1933

# Professores do Sardão.

I

A pesar de actiados  
As reboticas da cidade  
O Sardão já vai sofrendo  
A influencia d'actualidade

II

Já se encontra na salubre  
Optimamente instalado  
O belo do telefone  
Em todas apreciados

III

O seu terim estudante  
prolonga-se com rapidez  
Saltando as alunas  
Movimentando a cidade

IV

No entanto ninguém pensa  
No aparelho feio  
Visto nos ser defendidos  
As noticias escuras

V

No caminho do progresso

Teri uma grande passada  
Eis uma coisa, tão útil  
Paramente é dispensada.

II  
As dormitórias estas lustradas  
Luziradas a primas  
Pagando valeas mais  
Uris caprichos e abor.

A captura do instante...

lentas, adiadas, do peso afeitos,  
E ficam

(1) ~~Com fumo e sangue nos dentes! Fogo?~~  
Também à água, de constante,  
constroi berlengas dos projetos...  
tração.

19.4.46

lentas rasgas o ar que encobre  
a face escondida  
da vida

lentas rasgas o ar que stop  
A face da vida que nos escapa...

(1) Com o vazio entre os dentes

Todo no mundo tem sentido

A Captacao de Horg (Instante)

~~Ironia~~

Bonten Jitoy

Comby.  
4.4.46

Epigramas irônicos e sentimentais

A CAPTAÇÃO

DO

INS-TAN-TE

- Spigamos.

I

Se cantas não aynda,  
~~Se fizes~~ a primavera seja muda!

II

~~Amor~~ Queir di nas queir,  
Vente dias ou cal,  
Seja sincero ou representante -  
Nunca di qualques nos de estendes @stid,  
Umq canção a' ningu' being,  
Ou outro gesto de gente...

III

Representar? - Nos prefere não?  
- Ser e não ser isto a questão...

IV

O Homem e o mar.  
Alguem ao paapez  
Desceu as cordas ao fundo...  
(1) Lá onde mais profundo e a água mais clara -  
O Coração de detrambrq.

Actual:

Léttit

(1) Lá onde a água era/ mais profunda e mais clara:

É a flor (e a flor,  
A Mulder - Fêmea  
É o Homem - animal.

VI  
Rirismo, antes e depois:  
É o que fica entre os dois?...  
Comilley - 16-3-46.

Cântico - VIII

Estava Lindy e leve  
Cada a coisa d'agua.  
Permanente como a neve  
É com ombros de magos!  
Quas mansas e rebent,  
Tua pele meu gaze...  
Deitada, meu e apenas  
Não elas sobre juari...  
Apetecio sim  
Mas não como um (resbando),  
x Como dentro um (adoto)...  
Comilley (Chuda)  
28-2-48

x É qualquer coisa assim.

1111 - Reis premo

Mãe:

Escrever-te pare que?

- Para ~~depois~~ <sup>constantemente</sup> aquilo que já sabes?

Para explicar-te aquilo que já sabes?

Só te posso dizer que o amor não mente,  
Que o posto em qualquer mundo cabe,

Que nada vale no espaço, nos espaços:

Porque o silêncio

vence-o!

Eu já sei

Que o teu amor não mente.

Maldito a primavera que mente,

Maldito a flor do campo que flamma,

Bendito a noite que avisa,

Meu demonio que escuta,

O que que que em mim diz

Que o teu amor não mente.

Comiluz (Chuva)

28-2-46

IX Cântico //

Canta a canção mais mansa,  
canta porque eu souto.

Que tua voz me chegue  
transpondo qualquer muro...

Canta, canta criança,  
canta mesmo sem voz!

Adivinha não canta:

Dalelo - é - nós!!!

Canta a canção mais mansa  
inquantos outros são!

Coritiba.

6.2.48

no Paisagem!

Cai a última pétala no arinho.

Um desangano passa como um rio...

Há mangens nuas, fijas e cansadas.

Duas pombas abrem de manso os asas.

Há um vento leve, lento e dolente...

Há um acenar de pássaros como um lenço.

Cai a última petala no corincho...  
Passa leve o destino em duas mãos de menino  
Corincho.

27.1.46

XI - Paisagem //

Nota

Como esta vida repensada

é mansa...

Nota como isto, para convencer,

que a vida tem camu

é necessário indubar...

Corincho. (Chuva)

28.2.46

XII - Impiástico

Trabalha a Hora

Da romantizante.

ou  
a  
alternar

Nota como este Caber de Pessoa,

Nota como esta certeza de verdade,

Como esta luz que nos serve

é este ~~de~~ de Terra.

Nota de mais profundo,

Que esta vida do mundo

É isto amor animal.

O gosto de sentir

Como a planta sente a luz.

O gosto de aqui e ali

Nunca calmo e secular:

É abdicar de pensar.

Corimbeu

Ximbiquê e além mim

A terra diz-me que me está no céu,  
na terra fértil de que as traço céu,  
e em pontos e acrobacia.

Do além de mim, porém, alguém proclama  
que de além além a chama,  
em que me agito...

É em certo:

- Qual a voz do profeta e dos peregrinos?

Corimbeu.

7. 4. 46

XXI - ~~Paraná~~ Paraná III

sem um silêncio branco  
que encerra e não acalma...

sem o abandono escuro

que pesa sobre a alma!

sem alguma franja  
de uma planície branca

sobre a orla!

Nota dessa tempestade desbordante,

nota desse regime fluctuante:

só angústias noturnas,

só fúndas covardemente incertas,

só negatos passados em cada alvoroço,

só resistências

e ausências...

Comitiba-

4.4.46

XXII - Ciência

Homens e livros de estudo,

Calado, silêncio e estudo,

pregando papéis pintados

com gestos despretados  
com que aguram naufragos  
em Tabern de Palomas.

~~Honor e a dor, Guernica,~~

~~Uma desfeição repanda,~~

De ~~alguma~~ aol e a vida.

E ter, no fim desta vida,

certeza de nos passar

dum conjunto celular

mais nos deifne glândulas

com funções de secreção.

Sensação de nos poder  
sermos um dia canas!

Esjo-o de se saber:

uma simples reação...

Coimbra.

21.3.46

XXII - Círculo Vicioso

Ele passa,  
ela passa

e vai buscando um ar de sua graça...

Ale' astin do mundo -

Depois

Nocturno impromptu dois...

A promessa flueira;  
alguém, que desse borbotas surjin,  
passe,  
Outro alguém que esse alguém atraia,  
passe  
e até findando um ar de sua graça...

Coinh. 1

25.3.46

### XXIV - Paisagem IV

E nem já o sol havia que se dene  
nem flores para receber albertos,  
nem lareiros no peito - amigos certos - ...  
mesmo o frígido que orlulq e enloirece

o nosso altar, vazios nos deixar.  
Já nem lugar havia para um cinto  
breve - úmido que nunca aqui vimos  
contar um despertar de manhã clara.



XVII - Mulher

Orla

Cantares,

e do seu peito se eleva  
alguma coisa que entranha  
dentro de nós:

Que o calor humano que subia  
daquela voz!

Tovias,

e seu sorriso dizia  
alguma coisa. Era certidões  
que a bebida  
a alma inteira!

Abraços,

a um tronco de árvore florido,  
naturalmente enfeitado,

ela

tem um Corbolar de primavera  
incontida!

Intenções,  
naturais, verbais: ← 19/3/46  
mulher.  
Com tudo o que este palavra  
Humanamente disser,

Segue  
flor de promessa; fonte  
lá no cimo do monte  
a source vite.

Coinha.  
27.3.46

XXVII - Face Velada  
Neste comboio Rio,  
nêlo caminho nasce...  
Vou passando.  
Desplonada, a paisagem foi ficando.

Em tudo  
um destino sentido relatore explic.  
- Sou o comboio que passa  
e na minha vista a paisagem que fica.  
Vale do Vauçã.  
13.4.46

## XXVIII - Simoesidade

Em nada livre-natural.

Em nada fada-artificial.

Em nada "sim ou não".

Foi este fingimento sem traços

e este fingimento fing

de não conseguir ser eu

ou, sendo eu, não ser meu

o coarado que se exigia...

... Pôrto.

14.4.48

## XXIX - Resapio

Nunca um verso exprimiu como eu fui.

Nunca uma paisagem me foi o que devia.

Nunca uma flor floriu como eu a amara.

Nunca a morte me foi suficientemente clara.

Nunca um olhar me alhou como eu fui.

Nunca ninguém me disse o que eu se o foi, me disse.

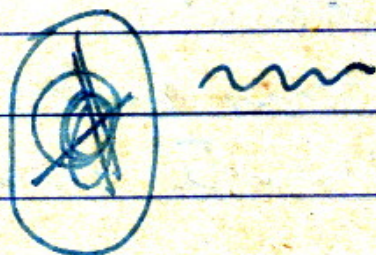
Nunca um cois me acenou saúdavelmente um lemb.

Nunca nada me foi aquilo que penso!

Coimbra.

5.12.48

xxx. Anulacões



Nunca

a sua gangue adunca  
me crava!

Nunca

essa maldita ave...

entrave

a minha trajetória...

Nunca

eu seja um animal excepcional  
excepcional:

Inteligência-Vontade-Memória!

Quero

somente, o desespero

de não ser nada,

na estrada,

além dum zero.

Absorto.

Semimorto, além-morto,  
mudo.

Secreto como tudo

que existe

e como tudo absorto:

Nem doente nem coo - nem alegre nem triste!

Frio...

Como o correr dum rio,  
leve.

Cidade sem terra ou terra...

Nem coragem. Nem medo:

tó segredo!

~~Trememente~~

~~como um som de prata...~~

~~Melancolia que se dilata.~~

~~...Badalando~~

~~Melodias que embalam~~

~~e os olhos me festejam~~

~~e deixam~~

~~longinquoamente...~~

Cóimbra

5-12-48

X X X IV - Fontes de Resperação

Aquels derradeiros confiances,  
Aquels illusões ultimas, caídas!  
Aquelas boas promessas mal cumpridas.  
Aquels pensamentos de quem já cance...

O aguardar e aguardar uma outra vida  
Sempre longinquamente prometida...  
... Abraços impositivos dasq mães  
"Almg muito gentil" sempre em esperanças...

Meu mago gesto, por que assim caíste?  
Meu genial coração, por que paraste?  
Por que fugiste, céu, covarde dor?

Olhos abertos meus, por que não dois lanças abertas?  
Pés sem fundo do meu esforço em flor,  
Situado dor, afinal por que acaboute?

Comberq.

29.11.45



O tu, Paesiz,  
doloras os séculos.  
A ~~de~~ ~~de~~ mordacos que te domem!

Que já Aquela Voz diziz:  
NEM SO DO PÃO VIVE O HOMEM!...

Travassos.

18.4.46

XXXVII - Riário

Hoje, Kontem, amante e sempre até' ao fim  
ou

fugindo de mim com medo  
de desvendar o segredo  
porque ansioso

e que preciso...

Fugindo aos outros, temendo  
serem afinal o espelho do que  
do que me afasta de mim...

O  
ou

conhecido e forçado  
a ter-te sempre a meu lado,

ver no pisante pecado...

É sentir-me asfixiado

de estar em branco pelo Céu...

Hoje, ontem, amanhã e sempre até ao fim!

Travoso?

18.4.46

último poema - A captura do Instante.

A captura do instante...

lentas adivinhas do céu segredo. |||

lentas masgar o céu que tapa

a face-da-vida que nos escapa.

É ficar, ~~o mais das vezes,~~

com vazio entre os dedos...

Também a água de constante,

constante: Beiruga, nos pedidos...

Travoso?

19.4.46

x x x VIII - Rever

há é porque A desmerece -

- sei que ninguém A merece;

Nem porque Dely me esqueça -  
~~e a virtude gente se esquece...~~ (1)  
nem mesmo porque me esqueça  
a umq outaq, luz falsa e louca;

Julgando a minha alma pouco  
venturosa faz a ela desce!

Mas nem eu quero que desça...

Travasso.

19.4.46

X X X X - Riqueza Invergordada

Quero-me esquecido a um canto.

É que o meu canto,  
sendo pedregado e breve,  
diga Tanto.

Que enctq o silêncio de espanto  
dêse Tanto a que se atreve!

Travasso.

19.4.46

(1) - Por afinal quem A esquece?;

## XL - Meditação

O que, esta manhã, penso a só consigo  
reduz-se a este quasi-nada:  
ao em pontar-me o meu melhor amigo,  
incapaz de dizer isto que digo,  
incapaz de descer ao a que desce...  
Ver a minha alguma lavada  
de tudo quanto a reduz!  
Ver minha estatua elevada  
onde a nem em pontos fuz!  
E ver, que não me parece  
com esse que me cupuz,

pois com outro me contico...  
Quanto?

20.4.46

## XL1 - Fé sem Olhos...

Confio

em, com o valor preciso,  
ser fácil tudo vencer!

mas desconfio

8 a. Parques / de oceanos pelos comitês da Nota dentro...

O Reverso de Medaels

O Retorno

O espelho mentiu / porque dizis /  
que a minha face era só esta  
que externamente se atingiu...

~~Está em pé como el mentiu!~~

É certo: só uma coisa se nos viu  
mas precisamente a coisa (aquela)  
onde eu bem eu me encontrei...

Só uma coisa que se  
a si próprio se encontrei

Novos.

Vocaco

25.4.46

Bastaa que eu dissesse: - Leja assim!

Indiferente a mim,  
de algum amado e entente  
Bastaa que avancare para o centro,  
ou pra' direita,  
ou pra' esquerda...

e seris um Honrado Cidadão.

Bastaa... - Mas e o que o Hijo im Fi marcou

~~Bastaa is a tempo e pelo nome a fogo?~~

25.4.46 / Novos.

dentos!



Que se fico a vida é minha,  
E tanto o Mundo na mão,  
e que a paz virá hántes  
forças no meu coração...  
Que até a estrada se alisa  
e tudo me promete  
um amonto de regalo...

Mas eu é que me não calo  
que sei onde chegar  
quem não soube resistir...  
E se não chegar, deixa-lo:  
sei que tanto de ir

e VOU!

Vnao...  
2004-46

A False Reality

# Metidões

O que esta minha pessoa e os amigos  
pedem-me a quasi nada:  
ao em contar-me o meu melhor amigo,  
incapaz de dizer isto que digo,  
incapaz de descer ao a que desce...  
Ver a minha alguma lavada  
de tudo quanto a pedem!  
Ver a minha obstinada persistencia (lembra)  
onde a nem em outros paz!  
E ver que não me parece  
~~o ver a quanto tudo se restou (1)~~  
poris com outros me conhece...  
Thavon.

20.4.46

Confio em J. e cada  
~~de valor que eu preciso~~  
para chegar a vencer...

Mas desconfio <sup>em, com a minha</sup> tudo <sup>preciso</sup> de o ter.  
Thavon.

20.4.46

(1) com uma que me supunha,

Reusq

Não é porque a desmerece.

- Sei que ninguém a merece.

Nem porque dela me esqueço.

- e muito gente se esquece;

nem mesmo porque me afueço

ou nuaq outras luz falsq e louca.

Julgando q' muito adnaq pouca,

~~mentanaq faz a elq dese~~

~~nada de faz que a elq dese~~

mentanaq faz a elq dese!

- Mas nem en fuero que dese...

Luovano.

Quero-me a tu canto. 19.4.46

Q' que o meu canto,

~~ando~~ ~~comprometido~~ e breve,

diga tanto

que ~~ando~~ ~~tanto~~ a que se atreve.

encl. o silêncio de espanto!

dêse tanto a que se atreve!

Luovano.

19.4.46

# Penas

## I

Como diferem das miúdas  
As penas das avizinhas  
que de leves, as leva o ar! (bis)  
As miúdas pesam-me tanto  
que às vezes nem o pranto  
lhes alivia o pesar. (bis)

## II

O passarinho tem penas  
que em lindas tardes amenas  
O leva por êses momentos!  
De colina em colina  
Qu por extensas campinas  
A descobrir horizontes.

## III

Como elas vão folgando  
Com penas, apenas quando  
Alguna pena lhe cai  
Mas essa pena afaz-se  
Esquecendo outra nasce  
E tudo esquece... e lá vai!...

## IV

As minhas penas não caem  
 Não vou me curar, não saem  
 Comigo desta amargura  
 Indiscreto me apeteço na vida  
 A estrada já conhecida  
 Espalhada dos seus ventura

## V

Passam dias, passam meses  
 Passa o ano muitas vezes  
 Que uma pena se vá!  
 E se uma vai mais pequena  
 E depois não vale a pena  
 Porque mais pena me dá

## VI

São bem felizes as aves  
 Como são aves, suaves  
 As penas que Deus lhe deu!  
 Só! As minhas pesam tanto  
 Ai! se eu soubesses quanto  
 sabe o Deus e sei-o eu!

## Le rêve

Le rêve entre nos doigts comme un oiseau repose;  
Il sommeille un instant, engourdi de chaleur,  
Son aile est repliée et sa paupière est close,  
Et nous sentons son cœur battre sur notre cœur.

Nous croyons le tenir dans notre main tranquille,  
Les courir à jamais de baisers et d'amour;  
Mais l'étreinte est légère et le rêve est agile,  
Il ne dormira pas jusqu'à la fin du jour.

Nous sentirions fuir son aile impatiente,  
Nous essaierions en vain de le garder encore;  
Le rêve est un oiseau qui laisse notre attente,  
Car bientôt loin de nous il prendra son essor.

Sublime et majestueux il nous va vers la mer,  
Il fuit vers le soleil, loin du froid des hivers,  
Et nous le regardons se perdre à notre vue  
Les pieds clavés au sol et les doigts entre ses dents.

Année AM